

Cultura profissional em clínica veterinária: a construção de um objecto interdisciplinar

*Telmo H. Caria**

This communication will have as main goal to make known to the public the research work of a team based in the North of Portugal, which is dedicated to the theme of the *Social Analysis of Professional Knowledge in Technical-Intellectual Work* (ASPTI). To this effect, I will take as an example the empirical work done on clinical-veterinarian activity and I will show, by focusing on the concept of professional culture, the several disciplinary contributions and the diverse dimensions of analysis that we have developed in this line of research. More specifically, the professional culture of veterinarian clinical personnel will be described and analyzed in its practical-cognitive dimension, in its identitarian-relational dimension and in its discursive-reflective dimension, emphasising an approach inspired by ethnomethodology, on the francophone concept of ergonomic activity, on the psychology of situated cognition and on a conjuncture vision of the practice, of Bourdian inspiration.

Linha de investigação ASPTI

Desde 1999 que se desenvolve uma linha de investigação no Norte de Portugal sobre o trabalho e o conhecimento em grupos profissionais, com a participação de investigadores de várias origens institucionais e disciplinares: (1) investigadores com formação diversificadas em sociologia, ciências da educação, e em ciências do desenvolvimento e em áreas profissionais que fazem uso das ciências sociais (enfermagem, extensão agrária e serviço social); (2) investigadores com origem na Universidade do Porto, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, na Universidade do Minho, no pólo de Braga da Universidade Católica Portuguesa, no Instituto Politécnico de Bragança e nas Escolas Superiores de Saúde e de Serviço Social do Porto.

Esta linha de investigação tem-se designado de seminário ASPTI. A sigla ASPTI sintetiza a temática com abrangência maior a que nos dedicámos até 2004: *Análise Social das Profissões em Trabalho Técnico-Intelectual*. A partir de 2005, quando nos tornámos os principais animadores desta rede de investigadores (rede GP_etc) e deste colóquio anual, passámos a ter um objecto de investigação mais delimitado,

* Docente de Sociologia e Ciências Sociais do Departamento de Economia, Sociologia e Gestão da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Investigador Efectivo do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE) da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (tcaria@utad.pt). Página Web: <http://home.utad.pt/tcaria/index.html>. tcaria@utad.pt

descrevendo-o como uma *Análise Social do Saber Profissional em Trabalho Técnico-Intelectual*. Em consequência desta orientação, desde 2007 que o núcleo central desta linha de investigação está sediado no CIIE da Universidade do Porto (Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto) como grupo autónomo de investigação dedicado à temática das “etnografias do conhecimento profissional”. Para se poder fazer uma ideia do caminho que temos desenvolvido será de consultar a nossa página Web e o documento em anexo que junto a esta comunicação.

Contornos gerais do objecto Cultura Profissional

O conceito de cultura profissional transformou-se ao longo tempo no centro da nossa problemática teórica. Não irei aqui desenvolvê-lo do ponto de vista teórico: isso já foi objecto de outros trabalhos (Caria, 2008; 2005a; 2001). O meu objectivo, nesta comunicação, será o de indicar os seus contornos gerais e dimensões analíticas mais relevantes e procurar ilustrar algumas das nossas hipóteses através de dados extraídos de um dos nossos trabalhos investigação: sobre a actividade clínica de médicos veterinários. A comunicação que a colega Berta Granja fará a seguir neste painel, relativa aos assistentes sociais, será também um bom exemplo das pesquisas que temos conduzido neste grupo de investigação.

Num primeiro contorno geral, poderemos dizer que o conceito de cultura profissional visa servir de mediador e tradutor de sentido entre as lógicas de investigação ligadas às ciências da educação e às ciências do trabalho e das profissões - de tradição macro e de cunho histórico-estrutural - e as lógicas de investigação ligadas à ergonomia, à análise organizacional e às ciências cognitivas - de tradição micro e de cunho fenomenológico. Fruto desta orientação procuramos evitar as excessivas delimitações institucionais da Sociologia, da Antropologia Social e da Psicologia Cognitiva quando separam as explicações dos processos colectivos de trabalho dos processos educativos e cognitivos.

A comunicação do colega Gonçalo Praça - nosso convidado neste painel - pretende ser um exemplo daquilo que podem ser as confluências e as intercepções entre a nossa problemática – a da cultura profissional - e alguns dos trabalhos que hoje se desenvolvem em Sociologia da Ciência nos quais é questionado o etnocentrismo

técnico-científico e questionadas as relações de poder que os técnicos mais qualificados desenvolvem com os cidadãos no quotidiano.

Neste âmbito, podemos explicitar o segundo contorno geral do conceito de Cultura Profissional. Ele pretende dar conta de dois tipos de fenómenos sociais, relativos ao modo como os actores sociais em geral e, mais especificamente, os profissionais com elevados capitais escolares, vivem as organizações e as instituições sociais nas sociedades capitalistas pós-industriais (Beck, 1998; Bell, 2004; Boltansky e Chiapello, 1999; Castells, 2000) e como se desenvolve a cultura e a reflexividade nas sociedades pós-modernas (Bauman, 2007, Giddens, 1992, Miranda, 2002; Alexander, 2000). Estes dois fenómenos são: (1) a relação entre o papel institucional ocupado pelos grupos profissionais e os processos colectivos de construção identitária, face à dupla dificuldade em definir e legitimar o profissionalismo institucionalizado e em enquadrá-lo em organizações burocráticas e empresariais (Dubet, 2002; Marinez et al., 2003; Freidson, 2001); (2) a necessidade de mobilização de diferentes tipos de conhecimentos em contexto de trabalho profissional, face a constrangimentos organizacionais e tecnológicos e a contextos relacionais e ambientais que supõem uma procura social acrescida de eficácia diferenciada, especificidade contextual, inovação e avaliação para a intervenção profissional, a par de um acréscimo da incerteza no diagnóstico/interpretação das formas de organização e das situações que carecem da acção de profissionais (Gadrey & Zarifian, 2002, Nowotny et al., 2003; Leicht & Fennel, 1997).

Fruto desta orientação, centramos a análise do profissionalismo à escala micro, procurando ver o impacto dos processos de institucionalização e legitimação das profissões nas formas de organização da interacção social e na reflexividade profissional entre pares. Para este efeito privilegiamos as metodologias compreensivas e as estratégias etnográficas de investigação de forma a mais facilmente poder interceptar à análise contextual do trabalho profissional com os processos de socialização e com a mobilização e uso de conhecimento abstracto e experiencial na interacção social. Concretizarei estas orientações na descrição que farei de seguida sobre o trabalho clínico-veterinário.

Cultura profissional (1): da prática à actividade em clínica veterinária

Em primeiro lugar, a clínica veterinária, como parte de uma cultura profissional, é concebida como uma prática social. Prática, no sentido em que Bourdieu dá a este conceito: um improviso social automático e inconsciente determinado por uma estrutura social incorporada gerada pela trajectória social cada agente e regulada simbolicamente por uma matriz de (im)possibilidades (ou sistema de disposições) de percepção, de antecipação e de apreciação social (*habitus*) que inscreve a prática num campo de relações sociais de poder desigual (Bourdieu, 1972: 157-200; com Wacquant, 1992:71-115). Deste ponto de vista, contra o objectivismo e estruturalismo e contra o subjectivismo e cognitivismo, as estruturas sociais de poder e as representações simbólicas são parte integrante do sentido prático dos agentes quando estes têm que improvisar usando as suas competências em situação (Pharo et al. 2003, Giddens, 1989; DiMaggio, 1997; Myles, 2004).

Para obter informação sobre as práticas da clínica veterinária - e na falta de possibilidades para desenvolver uma estratégia etnográfica de investigação como fizemos com outros grupos profissionais (Loureiro, 2008; Granja, 2008; Pereira, 2008; Caria, 2000) - construímos um dispositivo de investigação-formação que colocou numa relação de entrevista veterinários experientes a relatarem a jovens veterinários os seus processos de integração na via profissional clínica, tanto junto da produção pecuária e leiteira para provir a alimentação humana como na protecção da saúde dos animais domésticos de companhia (Caria & Granja, 2008; Caria, 2006; Caria, 2005b:199-201).

O dispositivo inspirou-se numa leitura pragmática e compreensiva da etnometodologia e do interaccionismo simbólico (Quéré, 1987; Quéré & Pharo, 1990; Dodier, 1993; Breton, 2004; Queiroz & Ziotkowki, 1997). Visou comparar a organização das práticas simbólicas quotidianas de diagnóstico clínico no campo profissional com aquelas que haviam sido aprendidas na socialização no campo universitário e que tinham por base a descrição e a observação de patologias em situações experimentais, simplificadas ou simuladas. Deste modo, pretendeu-se compreender as formas de organização da acção profissional que tornavam inteligíveis e explicitáveis, na interacção social entre pares, a consciência prática de fazer e de pensar a clínica veterinária ao longo da uma carreira.

Como veremos de seguida, as descrições comparadas dos clínicos experientes transmitiram-nos a existência de múltiplas perturbações e quebras de sentido entre o que era assumido como uma atitude natural no campo universitário e na socialização técnico-científica e aquilo que, posteriormente, era necessário a uma prática competente no campo profissional¹.

[No início da carreira temos] também aquela sensação de que a formação prática que temos, quando estamos a estudar, falha um bocado. Aquela prática não é a que nos aparece todos os dias.”

“Lembro-me que a minha principal dificuldade foi em assumir a responsabilidade perante a situação. Já tinha visto casos daqueles montes de vezes e aquelas situações também. Quando estava com o orientador, eu pensava: ‘outra vez uma vaca com a mesma coisa’, nem ligávamos! Pensava que quando fosse eu, já sabia o que fazer. E depois na altura é completamente diferente. Nós temos a responsabilidade e temos que saber se estamos ou não preparados para a situação. [...]”

“Temos uma boa bagagem de elementos teóricos [...], mas é tanta matéria que é natural que a informação não esteja completamente definida. E eu acho que esse foi o problema maior quando comecei a trabalhar. [No início] era necessário abstrair de todo aquele potencial de informação que tínhamos adquirido [para tudo resolver e] focar só na clínica, [...] e agora só íamos trabalhar com uma ou duas coisas. No início resolvia os casos, mas, ao mesmo tempo, ia fazendo revisões sobre a matéria: fazia restrições, voltava a estudar, voltava a programar, voltava a fazer os mesmos resumos. Procurava ficar a perceber o que era mais importante e o que era secundário, conforme os casos me iam surgindo.”

“Hoje [passados 6 anos de prática profissional], mudou principalmente a maneira de abordar os casos. Ou seja, no início nós temos uma tendência um pouco atabalhoada de fazer o diagnóstico ou de procurar os indícios clínicos da doença. Não sabemos muito bem, apesar de nos terem ensinado, não sabemos muito bem qual a importância a dar a cada sinal. Com o tempo aprende-se a determinar o que é realmente importante e o que não é.

Repare-se que estamos perante um curso com elevado cunho profissionalizante: há formação prática, há ensino da prática e há observação directa de situações. De facto, neste curso existem prescrições muito explícitas e detalhadas sobre os modos de pensar e agir face às situações e aos casos clínicos, e, apesar disso, os dados apresentados, retirados dos relatos sobre a organização das formas de diagnóstico clínico, parecem falar-nos de um curso sem finalidades profissionais que supostamente não teria investigação aplicada que o servisse directamente. Assim, os dados evidenciam que a prática no campo profissional é pensada e descrita como tendo uma outra lógica, ou epistemologia, porque apesar de depender da socialização no campo universitário a transferência do seu sentido prático não é automática para o campo profissional:

- a prática de diagnóstico que permite intervir junto do animal não é exactamente aquela que permite explicar e ver as manifestações da patologia;
- a importância relativa dos sinais das patologias não é coincidente;
- a organização da informação disponível não é equivalente.

Em síntese, o valor teórico-analítico do conhecimento científico é reconfigurado e redescrito de forma a adquirir um valor interpretativo-hermenêutico (Theureau, 2004), passando o diagnóstico a ser uma parte da interacção na situação clínica, e não um fim em si mesmo como parece ocorrer no campo universitário.

Esta conclusão nada tem de original. Ela vai ao encontro de outros trabalhos sobre a relação entre processos educativos formais e informais (Barbier, 1996; Schon, 1983; Courtois & Pineau, 1991) e sobre as características da acção e da cognição em situação (Lave & Wenger, 1991; Schuman, 1987; Vera & Simon, 1993): as práticas simbólicas que têm propósitos de concepção, de abstracção e generalização do conhecimento, por muito prescritivas e detalhadas que sejam sobre a prática, estão sempre aquém da cognição e do improviso em situação, porque têm uma organização hierárquica e linear, simplificadora e controladora do processo de pensamento e acção, não adequada ao desenvolvimento do saber experiencial dos práticos.

Acrescentarei a estas considerações teóricas duas outras:

- a existência de uma relação de poder entre a dimensão simbólica do diagnóstico no campo universitário – organizada por referência à comunidade científica, a práticas tipificadas e a formações discursivas - e a dimensão prática que improvisa no campo profissional, poderá ser conceptualizada através do conceito de Basil Bernstein (1998) de *recontextualização*, embora se trate de uma recontextualização profissional e não pressuponhamos que este processo, ao nível micro e sociocognitivo, seja absolutamente determinado pela estrutura de poder simbólico existenteⁱⁱ.
- o imprevisto profissional em situação para se desenvolver como cultura profissional necessita ser actualizado e explicitado pelos mais velhos para ser aprendido como adequado e competente pelos mais novos, isto é, necessita dos relatos do ocorrido que tornam inteligível para os pares - pela consciência prática que desenvolvem na interacção em grupoⁱⁱⁱ - a existência de um sentido prático partilhado ou de formas de organização da acção comuns.

Mas o sentido prático da prática profissional pode ser tanto mais relatado e descrito quanto mais se estiver perante uma conjuntura onde ocorra um significativo desfaseamento histórico - segundo Bourdieu (1979:109-248; 1998: 137-144) uma *histeresis* ou um envelhecimento do *habitus* - entre a estrutura social incorporada pelo agente e as relações de poder existentes num dado campo social (Caria, 2008). No caso em análise, o desfaseamento conjuntural evidenciado ocorre no plano biográfico e origina – seguindo de perto os trabalhos de Dubar (1991) sobre a socialização profissional – origina, dizia, um desencaixe entre os processos de socialização herdados e construídos pela autonomia do self e os processos de socialização definidos pelos outros e pelos projectos sociais de profissionalização existentes.

Face a esta “conjuntura de desencaixe”, poderemos dizer que a prática carece - para se adequar à situação e para o agente ver reconhecida a sua competência - carece, dizia, de ser subjectivada pela interacção social e socializada na comparação entre situações e formas de organização da acção. O conceito de *actividade*, utilizado pela tradição ergonómica e francófona de investigação (Schwartz, 2007; Clot & Faita, 2000; Champy-Remoussenard, 2005), mostra-se neste caso útil, porque, sem pôr em causa as orientações que enunciámos atrás relativas ao conceito de prática, permite dar conta da

subjectivação colectiva do trabalho e da especificidade das conjunturas de socialização e desenvolvimento profissional (Clot, 2004).

Cultura profissional (2): da actividade à institucionalização da clínica veterinária

A cultura profissional contém uma segunda dimensão de análise: uma construção identitária. Associada, geralmente, a formas identitárias de tipo comunitário e/ou de tipo estatutário-institucional (Dubar, 2000). Ela permite delimitar um território prático e simbólico que define relações de pertença/exclusão ao grupo ou referência/mobilidade para o grupo, isto é, a produção de um sentido local para a actividade (Appadurai, 2004:237-281).

Para o caso de uma forma identitária comunitária será necessário que exista um colectivo de trabalho entre pares da mesma profissão, em que os mais velhos e os mais novos actualizam em co-presença o *habitus* herdado, fazendo o encaixe entre a identidade passada (expressão de uma estrutura social incorporada) e a identidade projectada no presente (fruto de relações multiculturais e novas conjunturas de poder) (Lahire, 2003). Numa anterior investigação etnográfica sobre professores do ensino básico pudemos descrever e analisar uma cultura profissional que se desenvolvia nesta modalidade de construção identitária (Caria, 2000; 2007).

Para o caso de uma forma identitária estatutário-institucional será necessário que a legitimidade do poder no sistema institucional vigente seja suficientemente sistemática e coerente para conceder estabilidade e previsibilidade às relações sociais: fazer corresponder posições a tomadas de posição e permitir a conversão fácil de capitais e poderes entre campos sociais diversos. Deste modo, o sistema institucional terá a capacidade de desenvolver a socialização funcional e individualizada dos profissionais mais novos num sistema de papeis e estatutos sociais consistente e de desencadear as rotinas de acção necessárias à ampliação da acção e da cognição situadas em sistemas institucionais mais vastos (Giddens, 1989).

No dispositivo de investigação que desenvolvemos para o trabalho clínico veterinário não tivemos oportunidade, como já disse, de desenvolver qualquer estratégia etnográfica de investigação, nem tivemos possibilidade de, por via da relação de entrevista, encontrar relatos sobre as interações em colectivos de trabalho. Assim, a interrogação

sobre a identificação da cultura profissional da clínica veterinária foi circunscrita à forma estatutário-institucional, utilizando para o efeito dados relativos a duas dimensões de análise: a interpretação interactiva do papel profissional; a construção de rotinas de interacção.

No que se refere à interpretação do papel na interacção, vejamos alguns exemplos:

“O medo de falhar é uma das grandes dificuldades iniciais. É o medo de uma pessoa fazer mal ou não fazer tão bem nos actos clínicos... isso não devido ao facto de uma pessoa não saber o que está a fazer mas há falta de à-vontade com que qualquer profissional se depara quando começa a vida prática. E o outro grande problema, que faz com que haja dificuldades na nossa atitude inicial, é sentirmos uma certa falta de confiança por parte do cliente... pensando que ele está a achar que somos... somos muito novinhos e que se calhar não sabemos o que estamos a fazer.”

“No início é principalmente uma questão de auto-confiança de principiante e mais que tudo na conversação com os clientes, nem tanto na parte veterinária. Tive algumas dificuldades óbvias no início da carreira, mas mais que tudo na maneira de abordar o cliente. [...] O à-vontade... o à-vontade nas consultas mudou muito; e é isso que nos dá auto-confiança.”

Os dados evidenciam que a recontextualização da actividade clínica não ocorre apenas na dimensão prático-cognitiva. O início da carreira exige que a recontextualização da actividade veterinária se verifique também no plano identitário-relacional, porque ocorre uma importante ambiguidade de poder: a autoridade profissional nos primeiros anos da carreira carece de ser validada pelo “outro”, ainda que este seja um leigo, porque o profissional entende que a sua condição de principiante obriga a que o cliente participe num juízo sobre a sua competência. Os sentimentos de insegurança desenvolvem-se até ao momento em que o jovem veterinário percebe, na reciprocidade da interacção com o cliente, que o seu estatuto social é reconhecido e está estabilizado: a sua prática está institucionalizada e, portanto, deixa de sentir que a sua identificação profissional esteja ameaçada.

Em consequência do reconhecimento interactivo da autoridade profissional vai gerar-se uma rotinização da actividade clínica. Vejamos:

“[...] reforça-se a autoconfiança ao longo do tempo. Mas a clínica é depois um pouco rotineira. Os casos no dia-a-dia repetem-se muitas vezes e nós começamos a conseguir dominá-los totalmente, embora haja sempre um ou outro que exija maior estudo.”

“Nós deparamo-nos com algumas situações típicas que nos levam sempre a suspeitar. Quando nos aparecem aquelas evidências, levam-nos sempre a suspeitar de um determinado diagnóstico. Se calhar, muitas vezes, se a gente fosse mais além, éramos capazes de encontrar ... encontrar outras evidências, que nos levasse a outro tipo de diagnóstico. Mas, ficamos pelos principais sintomas, os mais rotinizados.”

“Eu antigamente era capaz de estar dez minutos na conversa com eles, antes de ver qualquer coisa lá na vaca (...) Actualmente incluo muito mais essa conversa durante o exame clínico: estou a fazer o exame clínico e pergunto-lhe, então e isto, então e aquilo, e então mais aquilo, e mais aquele outro... Ou seja, para não perder muito tempo e para enquadrar tudo junto, enquanto faço exame clínico vou-lhe perguntando: então não come há quantos dias; então e o que é que come e o que é que não come; está a dar leite ou não está; baixou a produção ou não baixou [...]. Enquanto estás a ver a febre, estás a ver os movimentos respiratórios; enquanto vês tudo, as mucosas e essa coisa toda, pões a vaca de patas para o ar e vais-lhe perguntando mais isto, mais aquilo. E assim é muito mais fácil.”

Como se evidencia através da última descrição, as componentes de diagnóstico, de intervenção/manipulação do animal e de comunicação com o cliente deixam de ser destacadas e isoladas como problemas da actividade. A prática e a cognição na situação, o envolvimento relacional e a identificação com a actividade, passam a constituir um todo organizado que dá o formato à acção: uma cultura profissional.

Cultura profissional (3): da institucionalização à incerteza em clínica veterinária

Mas a cultura profissional dos médicos veterinários assume dimensões de maior complexidade. A recontextualização do conhecimento científico na acção e a rotinação da interacção não são suficientes para descrever esta cultura profissional, porque, tanto

no plano social como cognitivo, nem sempre o sistema institucional é relatado como suficientemente estável e previsível.

“As incertezas nunca são ultrapassadas porque há sempre doenças e medicamentos novos. Ficamos com dúvidas, se não teríamos uma resposta mais rápida se tivéssemos aplicado outro tratamento. Às vezes fazemos os mesmos tratamentos e uma vaca não reage. Cada animal é um animal, cada organismo é um organismo diferente, pelo que não podemos dizer que para tratar uma mamite [...] se faz sempre de uma certa maneira. Nem todos [os animais] reagem da mesma maneira ao mesmo medicamento.”

“[...] já depois de termos feito o exame clínico e de termos conseguido recolher alguma coisa da parte do proprietário, passamos à fase dos diagnósticos diferenciais. Aí voltam as incertezas, porque existem muitas causas para um ou dois sintomas. E nós, às vezes, também nos questionamos se realmente não haverá outro diagnóstico, alguma coisa que nos esteja a falhar e que nós não estamos a pensar. Acaba por ser o conhecimento que nos faz ter muitas incertezas: o facto de estarmos alertados para muitas possibilidades [que] não controlamos.”

Os dados evidenciam, portanto, que a incerteza clínica provém de se actuar sobre sistemas biológicos e que um conhecimento científico mais aprofundado pode, perversamente, ser fonte de maiores dúvidas na intervenção profissional. O facto dos sistemas biológicos em causa estarem inscritos e dependerem de enquadramentos humanos e sociais parece que apenas contribui para aumentar a incerteza clínica.

Assim, a cultura profissional clínico-veterinária parece ter um formato que supõe uma gestão de riscos, dada a parcial falta de controlo que existirá sobre a validade dos diagnósticos e sobre os efeitos das terapias. Mas a percepção que se actua no quadro de um sistema institucional incerto, não é consensual e por isso gera alguma “má consciência” e mesmo uma representação social individualista da actividade:

“[...] como eu estava a dizer, a clínica é um pouco rotineira. Muitas vezes nós estamos na secretária, enquanto o dono está a falar, e já fizemos o diagnóstico. Caímos na tentação de nem nos levantarmos da secretária para olhar para o animal e às vezes podemos cair em erro.”

“Às vezes nós trabalhamos todos os dias, vemos animais todos os dias, e ganhamos certos vícios em certas terapêuticas. E muitas vezes também nos falta tempo para estudar, para lermos artigos novos. E eu falo por mim, não quero cair no erro de aqui por cinco anos estar a trabalhar exactamente da mesma maneira que estou a trabalhar agora, como muitos que conheço fazem. Mas tenho a sensação que é isso que pode acontecer, mesmo que não queira.”

O trabalho exploratório que realizámos permitiu colocar a hipótese de que esta percepção da incerteza no sistema institucional é desigual entre os membros do grupo, face às mudanças mais recentes no posicionamento da profissão no campo da saúde animal: os mais velhos na profissão (em média com 14 anos de carreira) desenvolveram uma identidade na profissão por relação a um mercado de criadores de animais, com capitais escolares baixos, que viviam em meio rural, na qual a legitimidade e a autoridade da profissão instituída era inquestionável; os mais novos (em média com 8 anos de carreira, sempre com mais do que 3 anos e formados nos últimos dez anos) parecem evidenciar uma identidade menos autoritária e mais atenta à necessidade de desenvolver uma reflexividade sobre a complexidade das situações, levando a uma mais fácil integração dos clientes nos processos de decisão e informação clínica, em virtude de terem como principal mercado de trabalho os animais domésticos de companhia, localizados em meio urbano e mais exposto a uma maior diversidade de espécies biológicas, com donos que possuem capitais culturais médios e elevados.

No primeiro caso ressurge a representação social individualista, associada a representações naturalistas da actividade, em que tanto a rotina como a contingência do sistema institucional são superadas pela “intuição”, pela “fé” e por um “comportamento de fachada”:

“Eu acho que há pessoas que nascem já com olho clínico. Há coisas que passam despercebidas, mas há alguém que tem este chamado “olho clínico”, ou vocação ou intuição, que nasce consigo, e que é natural nas pessoas que quiseram ser médicos veterinários. Acho que isso está presente no início e que nunca morre. E é isso que nos resolve as incertezas [...]. As pessoas talvez possam relaxar mais um bocado e deixar-se levar pela rotina de trabalho e por aquilo a que estão habituadas a fazer. E afinal, não é, porque há qualquer coisa que é diferente e a pessoa, na altura não notou, relaxou um

bocado, mas o seu olho clínico, se o tiver, fá-la despertar, não cometer o erro ou mesmo encontrar o caminho certo dentro das dúvidas que tem”.

“ [...] é um bocado complicado estar a dizer às pessoas que não se percebe um caso. Ou seja, muitas das vezes tem que ser "peito para a frente e fé em Deus" porque normalmente é assim que a coisa corre bem. De contrário, se a gente vai para ali um bocado indeciso, a mostrar dúvidas, se as coisas correm bem as pessoas dizem que foi obra do acaso, se a coisa corre mal é porque o doutor não sabia o que fazia. De modo que um indivíduo tem que entrar com uma certa confiança, a mostrar que sabe, senão corre o risco do seu trabalho ser posto em causa.”

No segundo caso, de veterinários mais novos a trabalhar em meio urbano junto de pequenos animais domésticos de companhia, a incerteza é gerida em situação com o cliente, sem deixar de vincar a sua autoridade profissional, porque é esta ainda que concede uma identificação estatutária:

“Eu explico tudo, as causas todas, tudo o que pode ser, os diferentes diagnósticos que podem ser feitos, e quando não sei digo, mesmo, que não sei. Não vale a pena andar a inventar e a enganar ninguém. Acho que desta forma é meio caminho andado para ganhar a confiança do cliente, porque se começamos a inventar a pessoa percebe. Se se está seguro daquilo que se está a dizer, as pessoas também percebem que sabemos do que falamos.”

“Geralmente, o que se costuma fazer para ter a participação do proprietário e para lhe dar a noção da minha situação naquela patologia, é expor as incertezas que existem. É quase do género: “ele está com diarreia, mas ele tem esta idade, por isso pode ser “isto, isto e aquilo”. Ele come ossos, por isso pode ser “aquilo, aquilo e aquilo”; ele mudou de alimentação, etc. Quer dizer: mostrar que tens incertezas, mas que essas incertezas são fundadas numa forma técnica [de agir]. Acho que quando mostramos incertezas... segundo a minha forma de ver, se eu mostro incertezas tenho sempre que mostrar que as minhas incertezas são as de alguém que tem conhecimentos científicos, porque as outras incertezas o cliente também as tem.”

Em ambos os casos, a cultura profissional é evidenciada numa nova dimensão de análise: uma reflexividade discursiva que se expressa em representações sociais e em significações sobre o sistema institucional que enquadra a prática e a identidade profissionais. Utilizando os temas de Pierre Bourdieu, tratam-se de tomadas de posição no campo profissional que parecem participar num conflito de legitimidade entre profissionais.

Reflexividades discursivas e cultura profissional (?)

Mas há uma diferença muito significativa entre o discurso do grupo de veterinários mais velhos e o dos mais novos na carreira. No primeiro caso, as representações sociais individualistas e naturalistas desenvolvem-se no quadro de um sistema de significações onde se busca um controlo aparente sobre o sistema institucional, apresentando-o como regulando por factores não sociais ou pela manipulação do cliente. Trata-se, portanto, de um conjunto de significações que têm o efeito de desqualificar a reflexividade do profissional e do cliente e de desenvolver um discurso que torna a interacção social entre ambos como irrelevante para a gestão da incerteza existente. Pelo contrário, no caso do segundo grupo, o dos mais novos, as significações têm o efeito inverso: promovem a reflexividade do profissional e do cliente, porque direccionam os discursos para potenciar a acção consciente, colocando a gestão da incerteza clínica no centro da interacção social.

Assim, poderemos dizer que as representações sociais da prática dos mais velhos tornam-se um obstáculo ao desenvolvimento da cultura profissional porque descontextualizam a reflexão das formas sociais de organização da acção no local. No segundo caso, as representações são significações da prática que potenciam o desenvolvimento da cultura profissional, porque os discursos convocam os agentes sociais a usar a reflexividade na interacção social para saberem gerir o incerto e, portanto, para melhor saberem descrever e explicitar o que fazem e o que pensam de diferente quando percebem a ocorrência da contingência em situação.

A conclusão final é a de que o desenvolvimento da cultura profissional supõe sempre uma contextualização da reflexão discursiva em saberes capazes de organizar a prática e a identidade em condições de incerteza institucional, isto é, em novas conjunturas.

Assim, representações e significações que, pelo contrário, descontextualizam a reflexividade dos profissionais não poderão ser consideradas como parte do objecto cultura profissional.

Bibliografia

- Alexander, Jeffrey C. (2000), *Sociologia cultural*. Barcelona: Anthropos.
- Appadurai, Arjun (2004, 1996), *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa, Teorema.
- Barbier, Jean-Marie (org.) (1996), *Savoirs théoriques et savoirs d'action*. Paris: Puf.
- Bauman, Zygmunt (2007, 1991), *Modernidade e Ambivalência*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Beck, Ulrich (1998, 1986), *La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad*. Barcelona: Paidós.
- Bell, Daniel (2004, 1976). *Las Contradicciones Culturales del Capitalismo*. Madrid: Alianza Editorial.
- Bernstein, Basil (1998, 1996), *Pedagogía, control simbólico e identidad – teoría, investigación y crítica*. Madrid : Morata.
- Boltanski, Luc & Chiapello, Ève (1999). *Le Nouvel Esprit du Capitalisme*. Paris: Gallimard.
- Bourdieu, Pierre (1972), *Esquisse d'une theorie de la pratique*. Paris: Dunod.
- Bourdieu, Pierre (1979), *La distinction — critique social du jugement*. Paris, Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1998, 1997), *Meditações pascalianas*. Oeiras: Celta Editora.
- Bourdieu, Pierre & Wacquant, Loic (1992), *Réponses: pour une anthropologie réflexive*. Paris: Seuil.
- Breton, David (Le) (2004), *L'interactionnisme symbolique*. Paris: Puf
- Caria, Telmo H. (2000), *A Cultura Profissional dos Professores. O uso do conhecimento em contexto de trabalho na conjuntura da reforma educativa dos anos 90*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Caria, Telmo H. (2001) “O conceito de cultura aplicado à análise dos grupos profissionais - interrogações e comentário”. *Educação, Sociedade e Culturas*, nº15, 199-204.
- Caria, Telmo H. (2004) "O conceito de prática em Bourdieu e a pesquisa em educação", *Educação & Realidade* [Brasil], XXVIII (1), pp. 31-48.
- Caria, Telmo H. (2005a) “Trabalho e conhecimento profissional-técnico: autonomia, subjectividade e mudança social”, in Telmo H Caria, (org.), *Saber profissional*. Coimbra, Almedina, pp.17-42.

- Caria, Telmo H. (2005b) "Uso do conhecimento, incerteza e interacção no trabalho clínico dos veterinários", in Telmo H Caria, (org.), *Saber profissional*. Coimbra, Almedina, pp.197-231.
- Caria, Telmo H. (2006), "Reflexões teórico-metodológicas na análise e descrição das culturas profissionais" in Ana Paula Marques e Telmo H. Caria (orgs.). *Trabalho, educação e culturas profissionais - Actas dos Encontros em Sociologia III*. Núcleo de Estudos em Sociologia da Universidade do Minho. Braga, pp. 91-102.
- Caria, Telmo H. (2007), "A Cultura Profissional do professor de ensino básico em Portugal: uma linha de investigação a desenvolver?", *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, nº03. URL-<http://sisifo.fpce.ul.pt>.
- Caria, Telmo H. (2008), "O uso do conceito de cultura na análise das profissões", *Análise Social* [no prelo].
- Caria, Telmo H. e Granja, Berta (2008), "Quelle méthode utiliser pour capter une culture professionnelle? Réflexions méthodologiques d'une équipe de recherche (ASPTI) du nord du Portugal". Comunicação apresentada no *XVIIIème Congrès de L'Association Internationale des Sociologues de Langue Française (AISLF)*. Istanbul (mimeo).
- Champy-Remoussenard, Patricia (2005), "Les théories de l'activité entre travail et formation", *Savoirs*, nº 8, 11-50.
- Clot, Yves (2004), "Le travail entre fonctionnement et développement", *Bulletin de Psychologie*, 57(1), pp. 5-12.
- Clot, Yves, & Faïta, Daniel (2000). "Genres et styles en analyse du travail. Concepts et méthodes." *Travailler*, nº4, pp.7-42.
- Castells, Manuel (2000, 1996), *A sociedade em rede*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Courtois, B. & Pineau, G (org.) (1991), *La formation expérientielles des adultes*. Paris: La Documentation Française.
- DiMaggio, Paul (1997), "Culture and cognition", *Annual Review of Sociology*, nº23, pp.263-287.
- Dodier, Nicolas (1993), "Les appuis conventionnels de l'action: éléments de pragmatique sociologique", *Réseaux*, 11(62), pp.63-85.
- Dubar, Claude (2000). *La crise des identités: l'interprétation d'une mutation*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Dubar, Claude (1991), *La socialisation — construction des identités sociales e professionnelles*. Paris: Armand Colin.
- Dubet, François (2002), *Le déclin de l'institution*. Paris: Seuil.
- Fornel, Michel (de) (1990), "Qu'est-ce qu'un expert ? Connaissances procédurale et déclarative dans l'interaction médicale", *Réseaux*, 8(43), pp.59-80.
- Freidson, Eliot (2001), *Professionalism: the third logic*. Cambridge: Polity Press.
- Gadrey, Jean & Zarifian, Philippe (2002). *L'émergence d'un modèle du service: enjeux et réalités*. Paris: Editions Liaisons.

- Giddens, Anthony (1989, 1984), *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Giddens, Anthony (1992, 1990), *As consequências da modernização*. Oeiras, Celta.
- Granja, Berta (2008), *Identidade e saber dos Assistentes Sociais*. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade do Porto (tese de doutoramento em Serviço Social).
- Grossetti, Michel (2007), “Les limites de la symétrie“, *SociologieS*, on-line 22 Octobre. URL-<http://sociologies.revues.org/document712.html>.
- King, Anthony (2000), “Thinking with Bourdieu against Bourdieu: a ‘practical’ critique of the habitus”, *Sociological Theory*, 18(3), 417-433.
- Lahire, Bernard (2003, 2001), *O homem plural*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Lave, Jane & Wenger, Etienne (1991). *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*, New York: Cambridge University Press.
- Loureiro, Armando (2008, 2006), *O trabalho técnico-intelectual em educação de adultos: contribuição etnossociológica para a compreensão de uma ocupação educativa*. Cascais, Sururu [no prelo].
- Leicht, Kevin & Fennel, Mary (1997) “The changing organizational context of professional work”, *Annual Review of Sociology*, nº23, pp. 213-231.
- Martínez, Mariano; Sánchez, Juan; Sáez, Carreras; Lennart Svensson (orgs.) (2003). *Sociología de la Profesiones. Pasado, Presente y Futuro*. Merced: Diego Marín.
- Miranda, José Bragança (2002). *Teoria da cultura*. Lisboa, Século XXI.
- Myles, John (2004) “From doxa to experience- issues in Bourdieu’s adoption of Husserlian phenomenology”, *Theory, Culture and Society*, 21(2), pp.91-107.
- Nowotny, Helga; Scott, Peter & Gibbons, Michael (2003, 2001), *Repenser la science: savoir et société à l’ère de l’incertitude*. Paris: Belin.
- Pharo, Patrick; Borzeix, Anni ; Bouvier, Alban (orgs.) (2003), *Sociologie et connaissance: nouvelles approches cognitives*. Paris: CNRS Éditions.
- Pereira, Fernando (2008, 2004), *Identidades e saberes profissionais no trabalho técnico em contextos associativos agrários de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Cascais, Sururu.
- Queiroz, Jean Manuel & Ziotkowski, Marek (1997), *L’interactionisme symbolique*. Rennes, Presse Universitaires de Rennes.
- Quéré, Louis (1987), “L’ argument sociologique“, *Réseaux*, 5(27), pp.97-136.
- Quéré, Louis & Patrick Pharo (orgs.) (1990), *Raisons pratiques. Les formes de l’action*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- Schön, Donald (1983). *The Reflective Practitioner. How Professionals Think in Action*. USA, BasicBooks.
- Schwartz, Yves (2007), “En bref aperçu de l’histoire culturelle du concept d’activité“, *@ctivités*, 4(2), pp.122-133.

Suchman, Lucy (1987). *Plans and situated actions: the problem of human/machine communication*. Cambridge: Cambridge University Press.

Theureau, Jaques (2004), "L'hypothèse de la cognition (ou action) située et la tradition d'analyse du travail de l'ergonomie de langue française", *@ctivités*, 1(2), pp.11-25.

Vera, A.H. & Simon, H.A. (1993), "Situated action: a symbolic interpretation". *Cognitive Science*, n°17, pp.7-48.

ANEXO

Trabalhos e recursos disponíveis da equipa ASPTI

Ver na internet:

<http://home.utad.pt/~tcaria>

<http://home.utad.pt/~aspti/>

<http://br.groups.yahoo.com/> (fazer busca no servidor Yahoo em grupos com a palavra “GP_etc”)

Trabalhos teóricos e metodológicos sobre culturas profissionais

Caria, Telmo H. (2008), “O uso do conceito de cultura na investigação sobre profissões”, *Análise Social* [no prelo].

Caria, Telmo H. e Granja, Berta (2008) "Quelle méthode utiliser pour capter une culture professionnelle? Réflexions méthodologiques d'une équipe de recherche (ASPTI) du nord du Portugal". Comunicação apresentada no *XVIIIème Congrès de L'Association Internationale des Sociologues de Langue Française* (AISLF). Istambul (policopiado).

Caria, Telmo H. (2008), “La mobilisation des connaissances en situation de travail par des professionnels hautement qualifiés“. *Travail et Formation en Education*. [IUFM, Université de Provence, Aix-Marseille 1, no prelo].

Caria, Telmo H. (2007), “Itinerário de aprendizagens sobre a construção teórica do objecto *Saber*”. *Etnográfica*, 11 (1), pp. 215-250.

Caria, Telmo H. (2006), “Reflexões teórico-metodológicas na análise e descrição das culturas profissionais” in Ana Paula Marques e Telmo H. Caria (orgs.). *Trabalho, educação e culturas profissionais - Actas dos Encontros em Sociologia III*. Núcleo de Estudos em Sociologia da Universidade do Minho. Braga, pp. 91-102.

Caria, Telmo H. (2006), "Connaissance et savoir professionnels dans les relations entre éducation, travail et science". *Esprit Critique* [França], VIII(1) [[http:// www. espritcritique.org/](http://www.espritcritique.org/)].

Caria, Telmo H. (2006), "Os saberes profissionais técnico-intelectuais nas relações entre educação, trabalho e ciência", in António Teodoro e Carlos Alberto Torres (orgs), *Educação Crítica & Utopia: perspectivas emergentes para o sec.XXI*. São Paulo, Cortez, pp. 127-146.

Caria, Telmo H. (2005), “Trabalho e conhecimento profissional-técnico: autonomia, subjectividade e mudança social”, in Telmo H. Caria (org.) *Saber profissional*. Coimbra, Almedina, pp.17-42.

Caria, Telmo H. (2002), "O uso do conhecimento: os professores e os outros", *Análise Social*, nº164, pp.805-831.

Trabalhos da equipa de maior pendor empírico

Caria, Telmo H. (2007), “A Cultura Profissional do professor de ensino básico em Portugal: uma linha de investigação a desenvolver?”, *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 03 [http://sísifo.fpce.ul.pt].

Caria, Telmo H. (2005), “Trajectória, papel e reflexividade profissionais: análise comparada e contextual do trabalho técnico-intelectual”, in Telmo H. Caria (org.) *Saber profissional*. Coimbra, Almedina, pp.43-91..

Caria, Telmo H. (2005) “Uso do conhecimento, incerteza e interacção no trabalho clínico dos veterinários”, in Telmo H Caria, (org.), *Saber profissional*. Coimbra, Almedina, pp.197-231..

Caria, Telmo H. (2000), *A cultura profissional dos professores — o uso do conhecimento em contexto de trabalho na conjuntura da reforma educativa dos anos 90*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Caria, Telmo H., Gerry, Chris e Nogueira, Fernanda (2005), “Trabalho técnico-intelectual e decisão em contexto hospital”, in Telmo H Caria, (org.), *Saber profissional*. Coimbra, Almedina, pp.267-297.

Filipe, José Pombeiro (2005), “Narratividade, reflexividade e legitimidade em educação especial”, in Telmo H Caria, (org.), *Saber profissional*. Coimbra, Almedina, pp.93-139..

Filipe, José Pombeiro (2008), *Nós: do encontro de experiências à construção de um saber de referência para a coordenação da acção conjunta – uma voz para os educadores*. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (tese de doutoramento em Sociologia da Educação).

Granja, Berta (2008), *Identidade e saber dos Assistentes Sociais*. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade do Porto (tese de doutoramento em Serviço Social).

Loureiro, Armando (2005), “O trabalho e o saber dos profissionais-técnicos de educação e formação de adultos”, in Telmo H Caria, (org.), *Saber profissional*. Coimbra, Almedina, pp.169-196.

Loureiro, Armando (2008, 2006), *O trabalho técnico-intelectual em educação de adultos: contribuição etnossociológica para a compreensão de uma ocupação educativa*. Cascais, Sururu [no prelo, versão da tese de doutoramento em Sociologia da Educação].

Pereira, Fernando (2005), “Os saberes profissionais-técnicos em associações e cooperativas agrárias”, in Telmo H Caria, (org.), *Saber profissional*. Coimbra, Almedina, pp.141-167.

Pereira, Fernando (2008, 2004), *Identidades e saberes profissionais no trabalho técnico em contextos associativos agrários de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Cascais, Sururu. (versão da tese de doutoramento em Ciências Sociais).

Silva, Margarida Clara (2006), *História e conhecimento profissional em Serviço Social: o caso da Escola do Porto (1960-1974)*. Porto: Universidade Católica Portuguesa (tese de mestrado em Serviço Social)

ⁱ Todos os sublinhados apresentados nas transcrições dos relatos pretendem destacar as expressões que nos parecem ter maior pertinência analítica,

ⁱⁱ Convirá assinalar que nesta forma de analisar as transferências de sentido entre diversos campos sociais, que passam pela consciência prática dos actores sociais, distanciamos-nos da abordagem de Bruno Latour e Michael Callon que descrevem e analisam os processos sociocognitivos como uma tradução de linguagens em rede (Fornel, 1990; Grossetti, 2007).

ⁱⁱⁱ Deste modo, o papel regulador do *habitus* na produção de imprevisto social no trabalho profissional é deslocado para a interacção social (Caria, 2004; King, 2000).